

JOACHIN AZEVEDO NETO

(ORGANIZADOR)

HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



História: repertório de referências culturais e históricas

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Joachin Azevedo Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: repertório de referências culturais e históricas /
Organizador Joachin Azevedo Neto. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0514-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.146220209>

1. História. 2. Conhecimento. I. Azevedo Neto, Joachin
(Organizador). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra *História: Repertório de referências culturais e históricas* consiste em uma compilação de artigos acadêmicos que lançam importantes e criteriosas reflexões tanto acerca da pluralidade de recortes temáticos, fontes documentais, bem como das múltiplas formas de se buscar compreender sociedades e culturas situadas em variadas temporalidades.

Buscamos inserir a sequência dos textos em uma lógica dotada de certa linearidade a partir dos temas tratados pelos(as) autores(as), mas sem obedecer a esquemas cronológicos rígidos. A complexidade da construção dos saberes históricos aponta para a necessidade de se considerar os diálogos – com rupturas e continuidades – que distintas épocas mantêm. Leitores dessa publicação terão contato com discussões historiográficas em torno da História do Direito, de práticas escravistas e formas de resistência negra pelo viés decolonial. A História das Mulheres, campo de investigações extremamente urgente para a atualidade, também foi aqui contemplado com estudos relevantes. Nesse mesmo diapasão, a História da Música e das Artes receberam merecido destaque nas páginas seguintes. Identidades, formação docente, ensino de História e as crises humanitárias que permeiam o neoliberalismo global compõem a parte final desta obra repleta de contribuições científicas importantes.

Sendo assim, a diversidade de temas de pesquisa histórica aqui abordados deu os subsídios necessários para que o presente livro possa vir a contribuir para a formação de iniciantes no universo das Ciências Humanas ou o aprofundamento de questões empíricas sob as quais trabalham professores e investigadores mais experientes. Esse mosaico de produções acadêmicas agrega também a possibilidade de circular em diferentes setores da sociedade que estão comprometidos com o interesse público e a necessária ponderação sobre cidadania nos tempos atuais.

A obra *História: Repertório de referências culturais e históricas* apresenta verificada densidade teórica e metodológica, perceptível nas considerações feitas por autores que destemidamente demonstraram que o conhecimento histórico, pautado em estudos sérios e consequentes, continua sendo possível e indispensável no mundo que vivemos.

Joachin Azevedo Neto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SENTIDOS PARA UMA TRANSIÇÃO: APONTAMENTOS SOBRE O CAMPO JURÍDICO NO PERÍODO MONÁRQUICO	
Marcus Vinícius Duque Neves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202091	
CAPÍTULO 2	13
A FESTA DA SANTÍSSIMA TRINDADE NO HOSPITAL LÁZAROS: DEVOÇÃO E PARADOXO	
Márcia Valéria Teixeira Rosa	
Dijavan Mascarenhas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202092	
CAPÍTULO 3	27
LUTAS CONTRA A ESCRAVIZAÇÃO ILEGAL E A IMPUNIDADE NO CEARÁ DO SÉCULO XIX	
Antonia Márcia Nogueira Pedroza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202093	
CAPÍTULO 4	38
CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: MULHERES NEGRAS, HISTÓRIA E IDENTIDADE	
Edineide Jorge dos Santos	
Maria Jorge dos Santos Leite	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202094	
CAPÍTULO 5	50
ARANDO O TORTO DESTINO DOS DESCENDENTES DE ESCRAVIZADOS NO BRASIL	
Maurício José de Faria	
Regina Aparecida de Moraes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202095	
CAPÍTULO 6	61
JOSEPH KI-ZERBO E CLÓVIS MOURA: TRAJETÓRIAS E HISTORIOGRAFIAS ATLÂNTICAS	
Elio Chaves Flores	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202096	
CAPÍTULO 7	75
A DITADURA DEMOCRATIZADA: AS MATRIZES HISTÓRICAS DO CENTRALISMO POLÍTICO NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO ANGOLANO E MOÇAMBICANO	
Jochua Abrão Baloi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202097	

CAPÍTULO 8	89
A FORMAÇÃO DOCENTE FEMININA NO PIAUÍ (1900-1930): ESCOLA NORMAL COMO INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL FEMININA	
Lorena Maria de França Ferreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202098	
CAPÍTULO 9	100
ENTRE MEMÓRIAS E DISCURSOS: A ESTRUTURA DA NARRATIVA DE <i>O CHORO</i> , DE 1936, E SUAS CORRELAÇÕES NA HISTORIOGRAFIA DA MÚSICA URBANA BRASILEIRA	
Denis Wan-Dick Corbi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202099	
CAPÍTULO 10	111
CIDADE E MÚSICA: ESPAÇO E OBJETO DE RELAÇÃO DE MEMÓRIA	
Angela Maria da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020910	
CAPÍTULO 11	119
AS MULHERES NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DE SANTO ANTÔNIO DO CAIUÁ (1950 A 1970)	
Rosângela Carvalho dos Santos Mendonça	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020911	
CAPÍTULO 12	131
ENTRE O BARROCO E O MODERNO: REPRESENTAÇÕES DA CIDADE NA PINTURA DE YARA TUPYNAMBÁ	
Marcelo Cedro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020912	
CAPÍTULO 13	172
O ENSINO DE HISTÓRIA NOS LIVROS DIDÁTICOS: PROPOSTAS DE APRENDIZAGEM NOS ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS	
Nathalia Vieira Ribeiro	
Darcylene Pereira Domingues	
Júlia Silveira Matos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020913	
CAPÍTULO 14	182
A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E A DOCÊNCIA JURÍDICA: ESTADO DA ARTE	
Maria Aparecida de Almeida Araujo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020914	
CAPÍTULO 15	192
DOGMA 95: A FESTA DOS IDIOTAS E A CRISE DA ARTE NA PÓS-MODERNIDADE	
Felipe Monteiro Pereira de Araújo	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020915>

CAPÍTULO 16.....204

DA SUBJETIVIDADE À FORMAÇÃO DE IDENTIDADES POLÍTICAS: UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DAS JORNADAS DE JUNHO DE 2013

Fabício de Oliveira Farias

Flávia Ferreira Trindade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020916>

CAPÍTULO 17.....215

RELIGIOUS FREEDOM, A HUMAN RIGHT IN CRISIS

Maria Helena Guerra Pratas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020917>

CAPÍTULO 18.....225

TEMPO E CRISE NO 2º GOVERNO DE VARGAS: UM OLHAR A PARTIR DO PENSAMENTO DO INTELLECTUAL HÉLIO JAGUARIBE

Cleber Ferreira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020918>

SOBRE O ORGANIZADOR.....233

ÍNDICE REMISSIVO.....234

CAPÍTULO 5

ARANDO O TORTO DESTINO DOS DESCENDENTES DE ESCRAVIZADOS NO BRASIL

Data de aceite: 01/09/2022

Maurício José de Faria

Universidade do Estado de Minas Gerais
(UEMG Cláudio)
Cláudio, MG
<http://lattes.cnpq.br/5118526268911344>

Regina Aparecida de Morais

Universidade do Estado de Minas Gerais
(UEMG Cláudio)
Cláudio, MG
<http://lattes.cnpq.br/6538573203744960>

RESUMO: “Torto arado”, romance quase documental de Itamar Vieira Jr., nos apresenta uma narrativa que dá voz aos filhos da escravidão de uma forma a revelar referências culturais e históricas de cidadãos que foram explorados, excluídos e abandonados pelo Estado ao longo dos séculos. Partindo desse pressuposto inicial, apresentamos breve reflexão sobre como o processo de escravidão marcou cultural, econômica e socialmente este país, ou seja, as mazelas da escravidão podem ser sentidas e vistas em toda parte neste país gigantesco. A literatura aqui nos mostra como os ex-escravizados vivem a sua cultura, lidam arduamente com a terra para dela extraírem frutos para sua sobrevivência, e cultuam seus “encantados” no jarê. Sob à luz das teorias de Santos (2018) e Gomes (2019), pode-se dizer que a escravidão criou uma sociedade marcada por divisões socioculturais abissais, ou seja, há cidadãos que foram invisibilizados por

serem descendentes de escravizados. A obra é reveladora e autenticamente encantadora, pois dá visibilidade e voz a um núcleo familiar marcado pela dor de existir de forma sempre silenciada.

PALAVRAS-CHAVE: Torto arado. Ex-escravizados. Escravidão. Encantado. Jarê.

PLOWING THE CROOKED DESTINY OF THE DESCENDANTS OF SLAVES IN BRAZIL

ABSTRACT: “Torto arado” (Crooked plow), an almost documentary novel by Itamar Vieira Jr., presents us a narrative that gives voice to the descendants of slavery in a way that reveals cultural and historical references of citizens who were exploited, excluded and abandoned by the State over the centuries. Based on this initial assumption, we present a brief reflection on how the slavery process marked this country culturally, economically and socially, that is, the ills of slavery can be felt and seen everywhere in this gigantic country. The literature here shows us how the ex-enslaved live their culture, work hard with the land to extract fruits for their survival, and worship their “enchanted ones” in the jarê. In the light of Santos’ (2018) and Gomes’ (2019) ideas, it can be said that slavery created a society marked by abyssal sociocultural divisions, that is, there are citizens who were made invisible because they were descendants of enslaved people. The work is revealing and authentically charming, as it gives visibility and voice to a family nucleus marked by the pain of always existing in silence.

KEYWORDS: Crooked plow. Ex-enslaved. Slavery. Enchanted beings. Jarê.

O Brasil são vários. Há o Brasil dos poderosos, dos endinheirados, dos estudados, dos donos dos grandes latifundiários. Há o Brasil dos submissos, dos excluídos, dos abandonados pelo Estado, dos explorados, dos empobrecidos, dos sem-terra, dos sem-teto e dos que vivem à mercê do destino. Temos um passado que nos explica e que nos traz dados e fatos, muitos deles pouco conhecidos, para confirmar a realidade abissal que há entre os cidadãos deste país de contrastes de toda ordem.

Entende-se por abissal, segundo Santos (2018) a complexa diferenciação entre visíveis e invisíveis. Fenômeno este que se marca pela divisão da realidade social. “As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos [...]”. Este pensamento se caracteriza pela impossibilidade da coexistência das duas realidades separadas por essa linha.

De um lado os visíveis fortalecidos nas relações de poder, cada dia mais poderosos e de outro, são invisibilizados e assujeitados aqueles que representam a parcela enfraquecida nesse jogo. O romance “Torto arado”, de Itamar Vieira Junior, publicado em 2019, pela Editora Todavia, em São Paulo, vencedor dos prêmios Oceanos e Jabuti, de forma singular e magistral, trata desse Brasil escancaradamente dividido, velado, maculado e pouco conhecido. O autor dá visibilidade aos sujeitos herdeiros da escravidão que embora ilegal continuou existindo de forma camuflada, portanto, invisível.

De acordo com Santos (2018, n. p.), somos convocados “a cruzar a linha abissal: uma fronteira que divide tão profundamente a realidade social que tudo o que fica do outro lado dela permanece invisível ou é considerado irrelevante.” O romance representa a transposição dessa linha, deslocando a produção do conhecimento. São saberes literários empregados por um autor que fala do lugar dos invisíveis por sua história pessoal para recuperar e reivindicar o reconhecimento de uma história vivida no silêncio do sertão baiano.

Em sua peculiaridade, o romance aborda de forma tênue a história do Brasil, alinhavada à narrativa pelos saberes silenciados que compõem o acervo cultural dos povos tradicionais. Nas vozes de Bibiana, Belonísia e de um narrador inusitado, personagem escolhida entre os encantados para elucidar situações “encantadas” ao longo da obra, vamos nos envolvendo com a narrativa de Vieira Jr. A narrativa dos personagens centrais nos apresenta um recorte da nossa triste realidade.

Em um dado momento da história, esse outro narrador – o Encantado – adentra a obra em uma terceira voz, na parte final da obra denominada Rio de Sangue. Esse narrador-personagem é uma entidade do jarê – religião afro-brasileira praticada na região da Chapada Diamantina, BA. O jarê

Trata-se de uma variante do “candomblé de caboclo”, culto no qual os deuses yorubas ou orixás foram em grande medida assimilados a uma classe genérica de entidades nativas, os caboclos, considerados como índios ou descendentes de índios. Nesse sentido, o jarê representa uma vertente menos ortodoxa do candomblé, resultante de um complexo processo de fusão onde há influência dos cultos Bantu-Yoruba sobrepuseram-se elementos do

catolicismo rural, da umbanda e do espiritismo kardecista (ALVES; RABELO, 2009, p. 1-2).

A história da família de Bibiana e Belonísia se mistura com a história do jarê, pois os pais das duas – Zeca Chapéu Grande – conduz os ritos do candomblé de caboclo em vários trechos da história. O fio narrativo do enredo percorre e apresenta as vivências de Seu Zeca Chapéu Grande como líder religioso na região. São apresentadas as suas contribuições para aliviar o sofrimento de todos e todas até o momento em que, abatido pelo tempo e pelos fatos, não consegue mais exercer essa liderança.

Os fatos se passam na primeira metade do século XX ou em outros tempos passados ou futuros e, por meio de representações, vão dizendo como fomos nos constituindo uma nação dividida, que nasceu sob a tutela da escravidão, sob a tutela do mando e sob a tutela do poder. A narrativa traz a voz dos tutelados.

Nesse campo desigual, Severo levantou sua voz contra as determinações com que não concordávamos. Virou um desafeto declarado do fazendeiro. Fez discursos sobre os direitos que tínhamos. Que nossos antepassados migraram para as terras de Água Negra porque só restou aquela peregrinação permanente a muitos negros depois da abolição. Que havíamos trabalhado para os antigos fazendeiros sem nunca termos recebido nada, sem direito a uma casa decente, que não fosse de barro, e precisasse ser refeita a cada chuva. Que se não nos uníssemos, se não levantássemos nossa voz, em breve estaríamos sem ter onde morar. A cada movimento de Severo e dos irmãos contra as exigências impostas pelo proprietário, as tiranias surgiam com mais força (VIEIRA JR, 2019, p. 197).

O romance revela os reflexos dessa tirania, cujas consequências se expressam na ação combativa relatada nesse fragmento. Da mesma forma, a obra expressa, o atravessamento dessa opressão constante e histórica nas relações de poder cotidianas entre as pessoas: maridos e esposas, mães e filhos, trabalhadores e trabalhadoras, exploradores e escravizados, fazendeiros e serviçais.

Entre essas decorrências, aparecem a violência de gênero, a mortalidade infantil, os desafios da educação como direito dos trabalhadores, o não direito à terra de gentes que sobrevivem nos groões invisíveis deste imenso país.

A família de Peixoto queria apenas os frutos de Água Negra, não viviam a terra, vinham da capital apenas para se apresentar como donos, para que não os esquecêssemos, mas, tão logo cumpriam sua missão, regressavam. Mas havia os fazendeiros e sitiantes que cresceram em número e que exerciam com fascínio e orgulho seus papéis de dominadores, descendentes longínquos dos colonizadores; ou um subalterno que havia conquistado a sorte no garimpo e passava a exercer o poder sobre os outros, que, sem alternativa, se submetiam ao seu domínio (VIERIA JR., 2019, p. 55).

De forma velada, todas essas temáticas se apresentam na obra como uma mácula da escravidão nas vidas dos afrodescendentes brasileiros. Sobrevivências da escravidão, aparentemente abolida, de quem se arrasta arando a terra que continua sob a posse de

poucos(as). Essa terra traz em si a esperança de libertação para muitos(as), até os tempos atuais e futuros, posto que os conflitos ligados à terra ainda estão por ser resolvidos.

A escravidão se fez presente bem antes de nos constituirmos como uma nação independente do colonizador português. Depois de independentes, mantivemos a escravidão por um longo período no século XIX. Por conseguinte, fomos o último país das Américas a abolí-la. De acordo com Gomes (2019), a escravidão é uma das experiências mais impactantes da nossa história, posto que a escravidão determinou nossa sociedade culturalmente e impactou nosso sistema político-econômico após a independência.

Nascemos e tornamo-nos um país assim: lado a lado convivem os senhores e os escravizados, poucos dominadores e muitos dominados, os poderosos e os submissos, os que muito tem e os que nada tem, a não ser o próprio corpo para labutar e alimentar cotidianamente. Somos um país marcado por abismos socioeconômicos já secularizados. Somos um país tristemente dividido.

Tudo começou no início do século XVI. Primeiro, os indígenas foram vencidos, mortos, sacrificados, expropriados de suas terras; depois quando os indígenas foram explorados ao máximo e quase exterminados, foram trazidos da África os negros para trabalhar a terra. Os negros foram vencidos, sacrificados, subjugados a extrair da terra as riquezas para os seus senhores. Os escravizados eram muitos, os exploradores escravocratas, muito poucos. Pelos séculos seguintes a escravidão, apesar de extinta por lei, continuou camuflada, velada, escondida. Ela ainda se faz presente entre nós.

O Brasil escravocrata é marcado por contrastes a perder de vista: vastas florestas tropicais em oposição à caatinga cinzenta, amplas terras férteis em contraste com terras esturricadas pelo sol constante, rios caudalosos e piscosos cortando o país em contraste com rios rasos e inconstantes, o litoral povoado desde o início em oposição ao sertão habitado por exploradores e excluídos, as casas-grandes fazendo sombra nos casebres de pau a pique dos excluídos e explorados, os arranha-céus fazendo sombra nos barracões das nossas inúmeras favelas.

Conforme Gomes (2019, p. 319), a economia “nos trópicos caracterizava-se pelo binômio casa-grande e senzala, dos senhores de engenho e seus milhares de escravos”. Assim fomos nos tornando, indubitavelmente, um país marcado por diferenças socioeconômicas e culturais assustadoras. Essas diferenças representam, por sua vez, a despeito da cultura predominante, uma riqueza plural inestimável, uma vez que elas trazem em seu interior questões sociais como a miséria, o abandono, a exclusão social e a triste realidade da “resistência” da escravidão.

A escravidão deixou marcas – chagas eternas – em nossa constituição identitária, em nossa miscigenação étnico-racial, em nossa formação cultural. De um lado, os donos da terra, das casas luxuosas, dos casarões, dos apartamentos; do outro, os sem-terra, os sem-teto ou os de tetos improvisados – frágeis e carcomidos pelo tempo – dos inúmeros moradores das favelas que tiveram que surgir na paisagem urbana brasileira em

consequência da história de abandono representado pela falta de políticas públicas após o fim da escravidão.

A dicotomia sociocultural e socioeconômica apresenta-se aos olhos do leitor ao ler “Torto arado”. As vidas de Bibiana e Belonísia e dos seus parentes mais próximos – pai, mãe, sobrinhos e tia – vão nascendo da alma. De imediato, o leitor deve perceber que são acontecimentos narrados de dentro, de forma encantada e da profundidade do sofrimento acumulado durante séculos, para fora. O lado de fora é determinado pelas forças da natureza e das relações sociais, ora propícias à vida, ora cruéis e implacáveis. Essas forças regem o destino de todos em Água Negra.

A narrativa é de um período não muito distante da abolição da escravidão, conforme a lei. O que fazer quando se passa a ser livre da noite para o dia? Foi assim: os negros escravizados acordaram na senzala livres da lida forçada do dia a dia. Mas que rumo tomaram? Estavam tão sem forças que ficaram alguns no mesmo sítio, posto que foram sugados pela terra trabalhada de sol a sol. Outros se aventuraram pelo sertão a fim de estabelecer morada – quilombos –, afinal a terra há de prover o sustento ou não, posto que tudo ela dá ou não, quando se nela trabalha de sol a sol ou não.

A liberdade custa caro, contudo a liberdade não fez diferença para a maioria dos ex-escravizados, que passaram de explorados a subjugados e largados ao seu próprio destino, uma vez que tiveram que solicitar permissão para pousar nas fazendas do vasto e abundante sertão dominado por muitos senhores sem alma ou estabelecerem agrupamentos comunitários nos rincões escondidos do país, chamados de quilombos. Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) (BRASIL, 2017, p. 4),

O termo quilombo é uma categoria jurídica usada pelo Estado brasileiro a partir da Promulgação da Constituição Federal de 1988, visando assegurar a propriedade definitiva às comunidades negras rurais dotadas de uma trajetória histórica própria e relações territoriais específicas, bem como ancestralidade negra relacionada com o período escravocrata. Nesse sentido, há outras terminologias para o termo quilombo, como Terras de Preto, Terras de Santo, Mocambo, Terra de Pobre, entre outros.

O vagar pelo sertão em busca de terra para morar e arar em nada alterou a condição dos negros recém-libertos e seus descendentes. Nem sempre a nova situação representava a liberdade ansiada no interior dos quilombos, muitas vezes, a nova experiência se ajustava ao subemprego ou a uma escravidão velada, visto que a lei já a não a permitia. Na segunda circunstância, quando estabeleciam pousada, passavam à condição de submissos dos capatazes da fazenda e sitiantes.

Fariamos nossa casa como todas as outras, com o barro das várzeas, com as forquilhas que forjávamos das matas. Cobriríamos com o junco que tomou conta do leito do Utinga com a seca. Quando estivéssemos estabelecidos poderíamos planejar a nossa partida, ir atrás dos sonhos do Severo, que passaram a ser meus também. Não queria também viver o resto da vida ali, ter a vida de meus pais. Se algo acontecesse a eles, não teríamos direito à casa,

nem mesmo à terra onde plantavam sua roça. Não teríamos direito a nada, sairíamos da fazenda carregando nossos poucos pertences. (...) Aquele sistema de exploração já estava claro para mim (VIEIRA JR., 2019, p. 83).

Em “Torto arado”, a narrativa conduzida por Bibiana, Belonísia e o Encantado, em uma temporalidade quase indefinida, vai trazendo para os leitores do século XXI a vivência sofrida dos que foram dominados e continuam a ser, implacavelmente, explorados de forma muitas vezes violenta pelos donos das terras. É a literatura trazendo o ponto de vista dos que não tiveram voz nem vez na história deste país que ainda precisa vir à tona, enunciando a história dessas gentes cujos fatos foram silenciados.

Do período da escravidão – 1536 a 1888 – para os anos iniciais do século XXI, pouca coisa mudou. São mais de 350 anos de escravidão registrados na nossa triste história. Há por este Brasil à fora pessoas vivendo em regime de servidão, sem direito a salário, sem direito à terra, sem moradia digna, sem saneamento básico, sem assistência alguma do Estado, sem documento, ou seja, vivendo como escravizados. Sabe-se que pouquíssimos escravizados se tornaram donos da terra da qual tiravam o sustento da família. A terra que tudo dá é negada à maioria desses homens e mulheres.

Muitos dizem que a literatura não tem uma função prática, utilitária. Para muitos a literatura é para o fruir, é para o deleite, é para o prazer estético. A ficção “Torto arado”, de Itamar Vieira Junior, vai além do deleite da leitura, pois o leitor vai sentindo em cada página, no tecido do texto, uma trama que começou bem antes da que está sendo narrada. A narrativa literária passa a ter uma função, ou seja, ela narra as dores dos descendentes de escravizados, nas vozes de três personagens fortes e destemidas.

Aristóteles, filósofo grego, dizia que “A humanidade se divide em duas: os senhores e os escravizados; aqueles que têm o direito de mando, e os que nascem para obedecer” (*apud* GOMES, 2019, p. 63), ou seja, o mando e a obediência estão em cada sulco da narrativa de Itamar. O arado narrativo vai volvendo o tecido do texto para trazer fatos singulares e reconhecíveis na cena brasileira desde o início dessa nação moldada pelo mandar e pelo obedecer.

A escravidão camuflada é tema desse belo romance universal. Universal porque a escravidão se faz presente no passado da humanidade e continua a existir de forma explícita nos dias de hoje. Segundo Gomes (2019, p. 63), “A escravidão é uma chaga aberta na história da humanidade”. Não obstante, as páginas dos jornais, aqui e acolá, trazem matérias e notícias tratando desta eterna chaga. O romance de Itamar vai além, ao trazer para o cotidiano, personagens que vivem presos a sua sina. Os acontecimentos são sentidos pelo leitor, porque há neles uma densidade que vem da alma dos narradores – Bibiana, Belonísia e o Encantado. Sentimos cada passagem do texto, pois o olho-arado do leitor vai revirando as palavras do texto. O autor esmera-se ao imprimir no texto uma densa delicadeza narrativa em acontecimentos trágicos, singulares, pesados e tristes. Dessa maneira, as vozes dos narradores-personagens, conseqüentemente, dão vez aos

descendentes de escravizados – negros e mestiços – que se juntaram no abandono.

A narrativa de Itamar vai arando o terreno da história, vai desnudando as consequências da escravidão, vai abrindo caminho para, quiçá, germinar a esperança. A narrativa tem a terra como elemento revelador da dor dos que dela dependem. Para reter o leitor, a obra é dividida em três capítulos – Fio de Corte, Torto Arado e Rio de Sangue. Corte, arado e sangue são palavras-chave deste tecido narrativo marcado por uma prosa que traz à tona uma história, dentre mil outras, das gentes de pele negra deste país. O corte que emudece uma voz, o arado que sulca a terra seca e o sangue que salta das veias são elementos moldadores do destino dos descendentes dos ex-escravizados. Quem narra, quem diz com dor e sofrimento são descendentes de escravizados, gente que foi abandonada a sua própria sorte. Gente tão sofrida de antes e de agora.

Segundo Gomes (2019), quando os escravizados foram libertos, muitos deles ficaram vagando pelo país à procura de pouso. O que eles sabiam fazer era lidar com a terra, com o gado, com os afazeres domésticos. Quando recebiam pousada, ali ficavam, ali passavam novamente à condição de “escravizados”, sem direitos, sem instrução, sem propriedade digna para chamarem de sua, ou seja, eram explorados pelos donos da terra ou pelos sitiantes. Da terra, que não pertencia a eles, eles extraíam o sustento da família e dos donos declarados da terra.

O sofrimento, a dor de existir ao *deus-dará*, o *tô-nem-ai* dos que governam este país desde antes e desde sempre, o estar na terra arando tortuosamente, o não ser reconhecido como gente, a angústia ancestral, a relação íntima com a terra, tudo se faz presente nas palavras aradas, nas palavras plantadas, que fazem germinar a história a ser colhida pelo leitor.

Em Água Negra, terra distante dos centros urbanos, Bibiana, Belonísia e os seus iguais na dor e na cor vão vivendo, arando a terra, colhendo dela os frutos – ora muitos, ora nenhuns. Aos poucos, vão entendendo que são consideradas *meia-gente* ou gente de pouco valor, contudo, de muita serventia para a lida cotidiana na terra. Elas são gente a ser explorada, usurpada, surrupçada, roubada, humilhada constantemente pelos que detêm o poder. Gente que só serve para arar a terra, cumprir ordens e calar suas experiências consideradas mais simplórias.

Água Negra é uma terra de não pertencimento, uma terra de donos distantes que, à distância, exercem seu poder de levar sofrimento e dor às gentes de pele negra como as águas do rio Santo Antônio, que oferece seus peixes – ora muitos, ora nenhuns – para matar a fome de quem trabalha de sol a sol, de domingo a domingo, do nascer ao morrer.

O povo de Água Negra passou a seguir para a cidade antes de o sol raiar, sem conhecimento do gerente, se embrenhando pelas matas para não serem descobertos, na intenção de vender o peixe e comprar mantimentos. Pescavam dia e noite, e só não conseguiam pescar em noite de lua nova porque os peixes ficavam com os dentes moles e não seguravam as iscas. Para despistar Sutério, os trabalhadores deixavam vara e anzol escondidos

na mata da beira da lagoa ou amarrados em galhos de árvores (VIEIRA JR., 2019, p. 106-107).

O rio também fornece o barro para dele fazerem as suas moradas. Frágeis moradas que se desfazem com o tempo, assim como a vida deles todos se desfaz na lida árdua com a terra, que provém, mas também faz adoecer os corpos aos poucos. “Que havíamos trabalhado para os antigos fazendeiros sem nunca termos recebido nada, sem direito a uma casa decente, que não fosse de barro, e precisasse ser feita a cada chuva” (VIEIRA JR., 2019, p. 197). Corpos frágeis diante do poder do homem da cidade, do homem branco, que chega chegando e se dizendo dono de tudo, da terra, dos frutos, dos peixes, das águas. Corpos frágeis, corpos dóceis marcados pela disciplina conforme aponta Foucault (1987).

Corte para a cena inicial do romance. Uma faca afiada, mote para a narrativa, é a responsável pela peculiaridade da relação entre as narradoras e um terceiro narrador, ao qual denominamos “Encantado”. A faca e seu fascínio na mão de duas ingênuas e deslumbradas crianças – Bibiana e Belonísia. O corte da faca afiada projeta um novo rumo para o existir das duas crianças. Silenciada pelas consequências da tragédia, uma delas passa a ser a voz da outra. A outra se torna gestos, poucos gestos, pois por aquele sítio era de bom grado falar pouco, ouvir muito, ter muita força para o arado e para a labuta cotidiana de sol a sol, de lua a lua, de domingo a domingo.

Assim viviam, labutando a terra com cada gota de suor que escapava de seus corpos já nascidos cansados. O sol, a terra e o rio determinam o destino das coisas e das personagens. “O sol nos castigava com a fome e nos restava o desalento pelas roças perdidas” (VIEIRA JR., 2019, p. 79). No destino delas e deles havia os senhores das terras sempre a silenciar qualquer voz que ecoasse daquelas paragens ora produtivas, ora alagadas, ora esturricadas.

Arar a terra no silêncio do cotidiano e expor fatos e pontos de vista se concretizam na segunda parte da narrativa. Silenciada, a voz de Belonísia se funde à voz de Bibiana, em Torto Arado. A subjetividade dessa personagem se revela. Identificada com a terra, a personagem vê sua irmã partir. Uma terceira voz aparece quando Bibiana sai de Água Negra. Por essa voz, Belonísia – emudecida pela tragédia – demonstra sua coragem e sua força diante da vida e seu diálogo cotidiano com a terra, com o arado, com a exploração. A questão de gênero se revela na violência sofrida por Belonísia e por Maria Cabocla.

O silêncio, a coragem e o trabalho são ponto identitários na vida de muitos negros brasileiros, que tiveram seus antepassados violentamente escravizados, principalmente as mulheres, algumas além de escravizadas, eram violentadas. Belonísia ara a vida com essas características, mas não poderia herdar a sina de Donana ou de Zeca Chapéu Grande que praticavam o jarê emprestando o corpo e a voz aos Encantados.

Restava as gentes de pele preta daquela região chamada Água Negra a convivência com os santos e os encantados em seu jarê, que traz para seus adeptos “práticas de tratamento e cura de doença e aflição em um tipo de candomblé rural bastante sincrético”

(ALVES; RABELO, 2009, n. p.).

Não tentei me desvencilhar, estava acostumada com a presença dos encantados nas brincadeiras de jarê. Era a casa de meu pai, o curador Zeca Chapéu Grande, e havia crescido entre loucos e preces, entre gritos e xaropes de raiz, entre velas e tambores. A simples presença de um encantado que eu não conhecia não seria capaz de me intimidar, fosse uma real manifestação do encanto ou da loucura (VIEIRA JR., 2019, p. 80-81).

Zeca Chapéu Grande, pai de Bibiana e Belonísia, representa a autoridade religiosa, que une esses povos sob os cuidados de uma espiritualidade encantada que fortalece o labor e as lutas cotidianas, além de representar o amparo, o socorro e a organização daquele povo marcado pela sua ancestralidade. Liderança passiva, o pai de Bibiana e Belonísia, assim como Belonísia, parece perder a voz ao longo do romance. “Cresci em meio às crenças de meu pai, de minha avó, e mais recentemente de minha mãe. Os objetos, os xaropes de raízes, as rezas, as brincadeiras, os encantados que domavam seus corpos, tudo era parte da paisagem do mundo em que crescíamos” (VIEIRA JR., 2019, p. 59).

Em Rio de Sangue, parte final da narrativa, o autor surpreende o leitor mais uma vez, quando apresenta um terceiro narrador. O rio de sangue começou na África, estendeu-se pelos troncos, pelos pelourinhos e pelos quilombos na história da escravidão. A passividade de Zeca Chapéu Grande morreu junto ao seu corpo – corpo-terra, corpo-preto, corpo-trabalho. Essa morte revela o cativo representado pelas vozes silenciadas pela escravidão: escravidão passada e o trabalho análogo à escravidão presentes no enredo da obra.

Após a morte dessa personagem, a voz do jovem negro – Severo – denuncia a dor do abandono e da injustiça social. A interrupção da vida desse novo líder – representante do sindicato – denuncia um tempo de maior exploração. Outra vez os personagens da obra são expropriados, agora, das terras das quais já não são donos. Vingança? Justiça?

Essa vida é cobrada. Nessa parte, a voz dos afrodescendentes é marcada pelo rio de sangue diante da militância de uma das personagens pelo negado direito à terra, à moradia e aos direitos trabalhistas. Pela onipresença, esse narrador revela o incompreensível pelas personagens fortes que viram suas vidas marcadas pelo rio de sangue. As ações dos encantados e dos santos do jarê são narradas de forma densa.

Mas vocês precisam pagar esse pedaço de chão onde plantam seu sustento, o prato que comem, porque saco vazio não fica em pé. Então, vocês trabalham nas minhas roças e, com o tempo que sobrar, cuidam do que é de vocês. Ah, mas não pode construir casa de tijolo, nem colocar telha de cerâmica. Vocês são trabalhadores, não podem ter casa igual a dono. Podem ir embora quando quiserem, mas pensem bem, está difícil moradia em outro canto (VIEIRA JR., 2019, p. 204-205).

Aos santos as gentes daquela região recorriam para amenizar a dor de existir. Aos encantados cantavam para alegrar a alma e suportar a existência dura de cada dia. Nasciam para servir. Serviam até morrer. Os tataravós, arrancados de sua terra natal, araram a terra acorrentados. Os bisavós acorrentados aravam a terra. Os avós seguiam livres dos pesos

das correntes arando a terra. Os negros descendentes de escravizados seguem arando a terra, pescando no rio, colhendo os frutos do dendê, fazendo a massa de jatobá, comendo a palma em tempos de seca braba, vivendo do que há de viver, um dia depois do outro, um dia de cada vez, mas igual em quase tudo.

Os pretos em Água Negra seguem vivendo em suas casas de barro se desmanchando lentamente à mercê do sol, do vento e da chuva. Eles mesmos seguem sendo corroídos pelas intempéries da natureza e daqueles que sempre mandam. Eles vivem na obediência com seus corpos calejados e maculados pelo sol e pela dor.

Pe. Antônio Vieira, missionário jesuíta na Bahia, em 1691, dizia que “O Brasil tem seu corpo na América e sua alma na África” (*apud* GOMES, 2019, p. 7). Que corpo é esse que habita a terra *brasilis*? É o corpo negro que labuta a terra. É o corpo cansado que alimenta seus filhos com os poucos frutos da terra. É o corpo que não tem morada fixa. É o corpo que jaz anônimo em um cemitério escondido, largado, abandonado no sertão deste vasto país de pele preta, ou seja, são corpos de escravizados de antes, corpos de negros de agora. A narrativa de Itamar nos faz pensar sobre essas gentes que foram e que ainda estão a ser exploradas cotidianamente, seja por fazendeiros gananciosos, seja por empresários inescrupulosos, seja pelo sistema que os ignora.

Somos um país marcado pela escravidão. Ela faz parte do nosso dia a dia. Ela nos constitui. A escravidão é um assunto que não pode ser esquecido, pois ela é definidora da nossa identidade nacional. Há iniciativas governamentais, de instituições não governamentais, de parte da sociedade civil que têm arado a história para anemizar ou, quiçá, reparar as atrocidades cometidas no passado com as gentes de pele negra e indígena. Temos muito a trazer à tona sobre o nosso passado para reparar no presente e no futuro próximo os males feitos as gentes de pele preta.

A ficção de Itamar, com sua encantadora narrativa, traz a discussão do tema do abandono a sua própria sorte de muitos descendentes de escravizados. É uma narrativa quase documental. Itamar vai arando o torto destino dos descendentes de escravizados para fazer brotar a reflexão sobre a escravidão e suas permanências na contemporaneidade. Ouvir as vozes desses descendentes escravizados e dos encantados em muito nos auxilia na compreensão do que fomos no passado e o que somos no presente. Segundo a voz do encantado “Meu povo seguiu rumando de um canto para outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudesse plantar e colher. Onde tivesse uma tapera para chamar de casa. Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles” (VIEIRA JR., 2019, p. 204).

“Sobre a terra há de viver sempre o mais forte” (VIEIRA JR., 2019, p. 262). Resumidamente, podemos dizer que ainda sobre a terra os mais fortes dominam, mandam, matam, mancham-se de sangue, maculam, maltratam, maldizem. Assim vamos sendo uma nação que precisa rever sua história oficial, uma vez que ela pouca ou nenhuma voz dá à multidão de excluídos, escravizados, maltratados, dominados e abandonados.

Essa abordagem nos alude ao pensamento de Santos (2018), pois exemplifica a linha abissal que marca a distinção entre os visíveis e o invisíveis. Nesse sentido, este romance se configura como uma reivindicação da ruptura dessa linha que precisa se tornar invisível. Mais que isso, ela precisa se tornar inexistente. A obra dá visibilidade à escravidão camuflada ainda presente, cujas marcas se expressam nas questões socioeconômicas, sobretudo nas questões culturais quando hábitos e valores religiosos são evidenciados, principalmente, nos elementos religiosos afrodescendentes: a presença dos encantados e o funcionamento de jarê como uma religião da qual pouco se fala.

Ler “Torto arado” é se deixar levar pela magia dos encantados, pela narrativa interior de Belonísia, pela vontade de mudança de Bibiana, pela aceitação de Zeca Chapéu Grande, pela audácia de ser gente de Severo, pela fala mansa de Salu, pela força narrativa do Encantado. A história vai por caminhos tortuosos para dar visibilidade aos invisíveis deste país. Estamos diante de personagens descendentes de escravizados que vivem desamparados, pois seguem presos à escravidão moderna. As personagens-chave são sobreviventes, posto que labutam incansavelmente pelo o que comer, labutam dia a dia para ter do que sobreviver. Não há como não se encantar com “Torto arado” e seus, agora, “encantados” personagens.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo César; RABELO, Míriam Cristina. O jarê: religião e terapia no candomblé de caboclo. **Encontro de Estudos Multiculturais em Cultura**, 5. Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19441.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2021.

ARISTÓTELES *apud* GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. vol. 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma, Agrária. **Regularização de território quilombola**: perguntas e respostas. 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/perguntas_respostas.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2022.

FOULCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ, 1987.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. vol. 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as epistemologias do sul**: antologia essencial, v. 1. Buenos Aires: Clacso, 2018. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Antologia_Boaventura_PT1.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2022.

VIEIRA JR., Itamar Rangel. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA, Pe. Antônio *apud* GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. vol. 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

África 48, 53, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 79, 82, 84, 86, 87, 121

Alagoas 39

Angola 63, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88

Arquivologia 13

C

Cativeiro 27, 33, 58

Ceará 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 123

Clóvis Moura 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74

Código criminal 27, 29, 31

Cotidiano 6, 35, 36, 55, 57, 95, 114, 115, 118, 229

D

Democracia 75, 82, 84, 85, 86, 87, 88

Descendentes de escravizados 50, 55, 56, 59, 60

Diáspora 61, 62, 72, 73, 74

Direito 2, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 32, 35, 42, 52, 54, 55, 57, 58, 76, 78, 79, 83, 84, 87, 89, 97, 126, 143, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 208, 225

Ditadura 75, 76, 77, 83, 84, 85, 86, 87, 150

E

Encantado 50, 51, 55, 57, 58, 59, 60, 101, 105, 107

Escravidão 2, 3, 4, 7, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 162

Escravizados 27, 31, 32, 33, 34, 35, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 70

F

Formação docente 2, 89, 91, 98, 186, 187

Fredick Barth 44

Frei Antônio do Desterro 15, 16, 18

H

História 1, 2, 1, 2, 12, 13, 25, 27, 33, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 83, 87, 88, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113,

114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 150, 159, 161, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 179, 180, 192, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 207, 210, 211, 213, 225, 231, 233

História cultural 139, 170, 180, 233

História da arte 13, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 161, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 202

História da educação 179

História da música 2, 102, 103, 105

História das mulheres 2, 119

História social 27, 36, 37, 74, 104, 137, 140

Historiografia 4, 61, 62, 63, 64, 72, 74, 100, 101, 102, 103, 105, 107, 131, 135, 140, 166, 169, 180, 233

I

Identidade étnica 38, 39, 41, 45, 46, 47, 48

Instituições 1, 4, 11, 59, 65, 66, 67, 72, 76, 80, 85, 86, 89, 122, 125, 150, 178, 182, 183, 188, 189, 195, 204, 207, 212, 213

Itamar Vieira Jr. 50

J

James Scott 32

Joseph Ki-Zerbo 61, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74

L

Lepra 14, 15, 23

Liberalismo 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 229

Libertos pobres 27, 31, 33

M

Max Weber 44

Memória 17, 25, 39, 40, 48, 49, 63, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 129, 132, 133, 154, 159, 160, 163, 166, 167, 168, 169, 179, 180

Moçambique 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88

Monarquia 1, 3, 5, 8, 10, 11

Mulheres negras 38, 39, 41, 47

P

Pe. Antônio Vieira 59

Política 1, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 18, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 49, 64, 65, 69, 71, 72, 73, 75, 78,

80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 109, 119, 129, 149, 170, 176, 184, 195, 204, 210, 213, 216, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233

Positivismo 3, 4, 183, 189

Pós-modernidade 192, 197, 198, 200, 201, 202, 203

Práticas jurídicas 1

Q

Quilombolas 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48

R

Resistência 2, 30, 32, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 53, 71, 72, 80, 197, 198, 209, 211

Rio de Janeiro 11, 12, 13, 14, 15, 25, 26, 35, 36, 37, 48, 49, 60, 73, 74, 87, 100, 107, 109, 110, 130, 132, 143, 146, 168, 169, 180, 190, 191, 202, 203, 209, 213, 214, 225, 226, 231, 232

S

Século XIX 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 14, 27, 33, 36, 37, 38, 40, 53, 62, 68, 71, 91, 97, 101, 112, 113, 135, 142, 143

T

Thomas Driendl 13, 22, 23

Torto Arado 56, 57

Y

Yara Tupinambá 133, 146, 147, 149, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 163, 169

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS



🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS

